



Foto: Walter Mendonça

O problema de não se saber avaliar e suas conseqüências, como a repetência - eis o que vamos abordar aqui.

Há uma realidade ainda muito pouco conhecida no Brasil, a qual, em princípio, nada parece ter a ver com educação, mas que já se faz presente nas formas de produção industrial e em toda a área agrícola: a realidade da informática e da automação. Todo mundo vê isso como uma grande novidade, um meio de facilitar o dia-a-dia,

sem perceber as implicações que a transformação do modelo ou paradigma de produção vai ter sobre países como o nosso.

Baseamos nosso desenvolvimento sobre dois pilares: matéria-prima abundante; mão-de-obra barata e não-qualificada. Essas "vantagens" que o Brasil tinha em relação aos demais países começam, neste final de século, a desaparecer. O que vai distinguir um país, nos próximos séculos, vai ser a educação fundamental formal de seu povo, a capacidade de

"O que acontece é que nós não podemos mais pensar na educação como um privilégio de uma classe que é cada vez menor e mais rica."

Sérgio Costa Ribeiro

APRENDER A AVALIAR

o eterno dilema da escola

“A população luta para que o aluno termine o 1º grau de ensino, apesar de a escola tentar impedir que isso aconteça”.

Foto: Waldemar Sabino



raciocínio rápido de seus indivíduos, bem como seu conhecimento de línguas e ciências. Não basta educar uma elite. Quem não conseguir educar, de forma competente, toda a sua população não terá vez no século XXI. Sob tal perspectiva, o Brasil corre o risco muito sério de ir para o 3º ou 4º mundo com muita rapidez.

É fantasiosa a idéia que muita gente até hoje tem de que metade das crianças que entram na 1ª série do 1º grau não chega à 2ª. série. Essa frase foi pronunciada por todos os pesquisadores em educação, desde 1930. Porém, quando se analisa o que ocorre com aquele fluxo de alunos, verifica-se um erro conceitual grave na metodologia de tratamento dos dados. Na realidade, praticamente não há evasão escolar na 1ª. série do 1º grau: ela é de apenas 2%, e isso depois de o aluno ter repetido a 1ª. série algumas vezes. No Brasil, não existe evasão de novo aluno em nenhuma série; a evasão só ocorre diante de defasagem muito grande entre a idade do aluno e a série em que ele se encontra. Quando um aluno começa a se atrasar por repetência, ele se evade.

O que acontece é que não se pode mais pensar a educação como privilégio de uma classe, que é cada vez menor e mais rica. Esse modelo de que basta ter uma elite

culta e uma massa de operários baratos vai falir neste final de século.

O grande desafio do mundo moderno é a educação. Se os países do primeiro mundo estão convencidos disso, os países do terceiro mundo sequer perceberam que serão seriamente marginalizados caso não invistam na educação.

Considerando a infraestrutura existente, a situação brasileira, nessa área, não é tão ruim quanto se pensava. Entre 95% e 97% das crianças têm acesso ao 1º grau; o acesso a esta escola está, pois, universalizado no Brasil. As crianças freqüentam-na da 1ª à 8ª série durante quase nove anos, em média. Isso significa que, se não houvesse repetência nem evasão, toda a população jovem do Brasil estaria formando-se no 1º grau. Quando hoje, porém, se olha a proporção de formandos em cada geração, verifica-se que somente 40% dos alunos se formam no 1º grau. E não é por desinteresse que os outros 60% se evadem do sistema, pois só o fazem após permanecerem, em média, sete anos na escola.

O que se conclui é que o Brasil tem uma população que, ao contrário de suas elites, dá um valor enorme à educação e faz um esforço sobre-humano para manter

seus filhos na escola. Quanto mais pobre a população, quanto maior a repetência, maior é a média de anos de permanência das crianças na escola. A população luta para que o aluno termine o 1º grau de ensino, apesar de a escola tentar impedir que isso aconteça. Dados mostram que a população brasileira quer utilizar a educação como meio de ascensão social, e é a escola que impede que esse sonho se realize. A escola realiza a repetência.

O processo de massacre pela repetência não ocorre apenas nas classes menos favorecidas. Os 10% mais pobres da população brasileira - os que não têm renda monetária e habitam no Norte e no Nordeste de Minas Gerais - têm uma taxa de repetência, na 1ª série, de 75% em média, com picos de 90% em algumas localidades. Nos 10% mais ricos, a taxa de repetência ainda é de 40%. Não se pode entender que esse seja um mecanismo de oposição da classe dominante à dominada, quando a própria classe dominante tem uma taxa de repetência tão alta. Significa, sim, que esse é um processo cultural existente dentro da escola brasileira, uma pedagogia que vimos desenvolvendo ao longo de décadas. Essa realidade tem de ser questionada dentro da escola, é preciso que professores e alunos discutam sua motivação e

o processo de avaliação.

Não adianta imaginar que o problema está fora da escola, que o problema decorre do nível social da criança, do seu desinteresse em estudar ou da falta de estímulo por parte da família. Esses são mitos que os números claramente destroem. O que precisa ser percebido e levado em conta é que a população brasileira tem motivação para estudar, as famílias desejam que seus filhos estudem para que eles não sofram as restrições sociais que os pais sofrem - e isso é um dado extremamente positivo. Hoje, eu reputo que a educação é a instituição mais importante do País, muito acima da política e da ideologia.

Temos de encarar que a repetência é o primeiro passo para o extermínio de nossas crianças. É um processo tão perverso de

destruição da cidadania quanto a pura e simples eliminação de crianças ocorrida no Rio de Janeiro. O que vimos na Candelária é o resultado final de um processo iniciado com a repetência. A sociedade tem a solução final, que é o extermínio. Não estou dizendo que a escola seja responsável pelo menino de rua ou pelo massacre, mas que somos responsáveis por todo um mecanismo que tem início no fato de não nos responsabilizarmos pela educação - aprendizado e promoção - de nossas crianças. É esse mesmo mecanismo de falta de responsabilidade que leva a sociedade a tolerar o extermínio de crianças, como realmente vem acontecendo.

No Brasil, para cada aluno que se forma no 1º grau, são necessários 20 alunos/ano de instrução. Isso significa que, se o sistema educacional fosse efi-

ciente, sem repetência ou evasão, seriam necessários 8 alunos/ano de instrução para se formar um aluno. Devido à repetência e à evasão, gastam-se 20 alunos para se formar um aluno na 8a. série. Essa proporção, que varia nas muitas regiões do território brasileiro, depende também da situação sócio-econômica da criança, mas muito mais da repetência e da evasão. No Nordeste, gastam-se, para se formar um aluno, 200 alunos/ano de instrução, o que é um desperdício fantástico em termos de promoção de recursos públicos e humanos. Em outras regiões, esse número vai a 700, ou seja, sete séculos! Isso mostra, de forma inequívoca, a vontade do brasileiro de se educar; mostra também a ineficiência e inoperância da escola brasileira. O problema é da escola, está na escola e tem de ser resolvido na escola.



Foto: Waldemar Sabino

“Hoje eu reputo a escola como a instituição mais importante do País, muito acima da política e da ideologia”.

Sérgio Costa Ribeiro é Doutor em Física pela USP e pesquisador titular do Laboratório Nacional de Computação Científica. Trabalha na área de educação desde 1975.

Essa é a síntese de sua palestra no II Congresso Qualidade em Educação. Texto não revisado pelo palestrante.